

Lula admite a troca de Bisol por apoio

FERNANDO PORTO
Da Sucursal

São Paulo — “Se depender do Lula, o Bisol sempre será o meu vice. Mas faço parte de uma Frente Popular e acatarei qualquer decisão dela”. A afirmação do candidato à presidência da República pelo PT, Luís Inácio Lula da Silva, deixou transparecer a possibilidade de uma negociação com outros partidos progressistas para compor uma nova chapa de sua candidatura no segundo turno. No entanto, o presidenciável ressaltou que não pretende fazer com que coligações “tornem o partido um saco de gatos”.

Ele lembra a Aliança Democrática entre PMDB e PFL, que elegeu Tancredo Neves para a Presidência e José Sarney para vice. “O PMDB foi com muita sede ao pote e acabou morrendo de sede”, observou. O candidato acha fundamental negociar com os partidos progressistas os pontos em comum e não as divergências. Parlamentarismo é um assunto que está fora de cogitação para Lula. “Querer discutir parlamentarismo agora é falta de assunto, já que a Constituição determina que o plebiscito seja realizado no dia 7 de setembro de 1993. Apresentar uma emenda agora, cheira a golpe”, comentou.

Lula disse que as coligações serão discutidas na reunião da executiva da Frente no próximo dia 19. A possibilidade de se negociar ministérios com outros partidos não foi descartada pelo candidato que previu uma unificação das forças de esquerda, caso chegue ao segundo turno. Ele está certo de que há lugar em seu governo para pessoas de outros partidos “desde que sejam sérias e competentes”.

A mensagem radical empregada em toda a campanha não será modificada no segundo turno para atrair votos dos mais moderados, garantiu. “Vou com o discurso que sempre defendi”, adiantou. Lula tem dúvidas quanto à possibilidade de coligação com o candidato do PDT, Leonel Brizola, “já que ele procurou me agredir durante toda a campanha”. O líder petista só está certo de uma coisa: não aceitará apoio de políticos de direita, como o pedessista Paulo Maluf. “Eu prefiro que o Maluf fique com o Collor”.

Lula tem evitado assistir a apuração realizada pelas redes de TV “para não ficar tenso e preocupado”, mas lamentou a demora da contagem de votos do Tribunal Superior Eleitoral. Ele fez um apelo aos militantes petistas para que não cantem vitória an-

tes do final da apuração “e não saiam da fiscalização”. Sobre a fraca votação que o candidato obteve no Estado de São Paulo, — 4º lugar — ele atribuiu por ser “um alvo prioritário nos ataques de outros candidatos paulistas”.

Mesmo sem confirmar, o candidato petista reconheceu que um dos apoios deve vir do candidato Mário Covas (PSDB), até agora quarto colocado nas urnas. Lula não acredita que os tucanos conduzam seu apoio ao candidato Fernando Collor de Mello (PRN) por ambos terem um perfil político completamente diferente. Já sobre a possibilidade concreta, caso o PT confirme o segundo lugar, de disputar ao segundo turno com Collor, Lula considera uma boa oportunidade e segundo ele, a disputa vai acirrar o debate ideológico.

O candidato está confiante de que chegará o segundo turno e conseguirá o apoio de PDT, PSDB e a esquerda do PMDB. Sobre a relutância demonstrada pelo coordenador da campanha do PSDB, José Richa, em apoiar o petista, Lula disse que “Richa não representa o PSDB como um todo, mas algumas correntes daquele partido”. Ele alegou ter conversado com deputados tucanos, que garantiram o apoio a qualquer candidatura de esquerda que dispute o segundo turno.

CARLOS SILVA/SÃO PAULO



Embora já se considerando no segundo turno, Lula se preocupava com a vantagem de Brizola